

JEN



CANNABIS MEDICINAL

TRATAMENTOS PODEM ATINGIR 2% DA POPULAÇÃO

▶▶ Leia na página 8

Geopolítica da inovação

Quando tecnologia vira poder

Por muito tempo, falar em inovação era, quase automaticamente, olhar para o Ocidente.

Das universidades europeias ao Vale do Silício, foram décadas em que nações como os Estados Unidos e Europa ocuparam posição central na criação de tecnologias e na definição dos rumos da economia global. Mas, essa lógica já não é a mesma. O crescimento acelerado desses ecossistemas no Oriente, sobretudo na China, levanta uma questão fundamental: quanto que a inovação deixou de ser apenas uma ferramenta de desenvolvimento econômico, para se tornar um instrumento geopolítico poderoso.

A relação entre inovação e poder não é recente. Durante as duas guerras mundiais e, posteriormente, ao longo da Guerra Fria, os Estados Unidos consolidaram uma posição de liderança tecnológica altamente estratégica. A corrida espacial, a evolução da indústria bélica, a criação da internet e os investimentos em pesquisa e desenvolvimento ajudaram a transformar sua capacidade de inovar em uma das principais bases da influência. O domínio tecnológico também passou a significar capacidade militar, autonomia estratégica e poder de influência sobre outras nações.

Muito desse protagonismo se deveu, sobretudo, à construção de um ecossistema de inovação sustentado pela combinação entre universidades, empresas privadas, investimentos públicos e pesquisa científica. Por décadas, para muitos países, olhar para o futuro significava acompanhar os movimentos estadunidenses, de empresas do Vale do Silício e das instituições europeias que definiam boa parte dos padrões tecnológicos globais.

Contudo, assim como nada na história permanece estático, o mesmo ocorreu nesse sentido. Muito antes da revolução industrial e da ascensão das potências ocidentais, a China já era responsável por inovações que transformaram a humanidade, como a



Alexandre Pierro

“Muito antes da revolução industrial e da ascensão das potências ocidentais, a China já era responsável por inovações que transformaram a humanidade, como a pólvora, o papel, a bússola e a impressão.

pólvora, o papel, a bússola e a impressão. Hoje, expandiu suas inovações para além da criação de tecnologias: se inserindo em uma estratégia mais ampla de expansão econômica, fortalecimento de cadeias produtivas e aumento da influência internacional.

Dados recentes ajudam a dimensionar essa transformação. Em 2024, a China investiu mais de 3,6 trilhões de yuans em pesquisa e desenvolvimento, o equivalente a 2,68% de seu PIB, segundo a WIPO em 2025. Já no Global Innovation Index 2025, o país também aparece como líder mundial em produção de conhecimento e tecnologia, ocupando a segunda posição em patentes por origem - além de ter alcançado, pela primeira vez, o top 10 global de inovação.

A própria retomada da Rota da Seda pela China evidencia esse cenário, a partir da qual ampliou sua presença em diferentes regiões do mundo com investimentos em infraestrutura, energia, logística, telecomunicações e tecnologia. O movimento cria conexões econômicas que também podem se transformar em influência política e estratégica, fazendo com que a inovação e infraestrutura deixem de ser apenas instrumentos de crescimento interno, e passem a funcionar como mecanismos de aproximação com diferentes mercados e governos.

Esse avanço é especialmente relevante considerando seu impacto em regiões que, durante décadas, tiveram os Estados Unidos e a Europa como principais referências de desenvolvimento nesse sentido, como a América Latina e a África, onde a presença chinesa vem ganhando cada vez mais espaço. Essa expansão de empresas chinesas e de soluções desenvolvidas no país ajuda a construir uma relação que vai além da venda de produtos em si: envolvendo a criação de ecossistemas digitais, energéticos e industriais extremamente relevantes para sua expansão.

Estamos diante de uma mudança importante na dinâmica global, em que a disputa pela liderança da inovação já não acontece apenas dentro de laboratórios ou entre empresas de tecnologia. Ela se manifesta na definição de padrões tecnológicos, no controle de cadeias produtivas, na infraestrutura digital, na transição energética e na capacidade de estabelecer parcerias com países em desenvolvimento. Nesse novo cenário, inovar também significa conquistar espaço, criar dependências, estabelecer alianças e ampliar a capacidade de influência - o que fez com que a geopolítica da inovação se tornasse uma das principais disputas do século XXI.

(Fonte: Alexandre Pierro é doutorando em energia e mestre em gestão e engenharia da inovação, engenheiro mecânico, bacharel em física e especialista de gestão da PALAS, consultoria pioneira na implementação da ISO de inovação na América Latina).

Funcionários estão levando dados corporativos para IAs pessoais

Levantamento mostra que 64% das violações de políticas de dados envolvendo IA generativa no Brasil atingem informações reguladas; especialista alerta que o problema já ultrapassa a capacidade das defesas tradicionais. ▶▶

O que os dados dizem sobre o futuro da mídia regenerativa no Brasil

Já defendo há algum tempo que o papel do OOH nas cidades pode ir muito além da entrega publicitária. Nós, da Central de Outdoor, sempre acreditamos que, se a mídia exterior está presente na vida das pessoas todos os dias, ela também tem a responsabilidade de devolver algo a esse espaço. ▶▶

Internet conversacional: como ela está transformando o comportamento do usuário?

A forma como as pessoas utilizam a internet está mudando rapidamente. ▶▶

Da obrigação à estratégia: como a tecnologia reinventou o compliance fiscal

A automação e a inteligência de dados estão transformando a forma como as empresas conduzem o compliance fiscal, que deixa de estar restrito ao cumprimento de obrigações legais para assumir um papel mais estratégico na gestão dos negócios. ▶▶

Para informações sobre o

MERCADO FINANCEIRO

faça a leitura do QR Code com seu celular



Negócios em Pauta

Divulgação/Revista Náutica



São Paulo Boat Show

O barco de luxo está cada vez mais parecido com uma residência de alto padrão. Uma das principais transformações observadas no design náutico contemporâneo é a aproximação entre a arquitetura residencial e os interiores das embarcações, movimento que leva para os grandes barcos conceitos como integração entre ambientes, conexão com as áreas externas, iluminação natural, materiais naturais e soluções de marcenaria sob medida. O fenômeno internacional "yacht standard" será um dos destaques da próxima edição do São Paulo Boat Show, que acontece entre 24 e 29 de setembro no São Paulo Expo. O maior salão náutico da América Latina é uma vitrine de tendências e novidades globais (https://saopauloboatshow.com.br/). ▶▶ Leia a coluna completa na página 3

News@TI

Skyone



Campeonato de Arremesso de Servidores

@A Skyone, empresa brasileira de tecnologia especializada em cloud, dados, inteligência artificial e cibersegurança, estará presente no Startup Summit 2026, o maior encontro de inovação, tecnologia e empreendedorismo do Brasil, que acontece entre 26 e 28 de agosto, em Florianópolis (SC). Como grande destaque, a companhia promove um Campeonato de Arremesso de Servidores, uma ativação criada para representar de forma lúdica e divertida a migração da infraestrutura física para a nuvem. Com o conceito “Jogue o passado no futuro”, a ação convida os participantes presentes a arremessar servidores reais em uma competição que acontecerá ao longo dos três dias do evento. Os melhores colocados das categorias masculina e feminina serão premiados. Os participantes também poderão conhecer a Vertical AI, ecossistema de agentes especializados para diferentes áreas e segmentos de mercado, desenvolvido para conectar inteligência artificial aos processos de negócio e acelerar sua adoção nas empresas (https://www.skyone.solutions/). ▶▶ Leia a coluna completa na página 2

Espaço Jurídico



Giovanna Araujo

Quando o próprio piloto pede a torre de controle

▶▶ Leia na página 7



OPINIÃO

Latência é o novo gargalo da IA em produção

Everton Fernandes (*)

Durante os últimos anos, a corrida da inteligência artificial foi impulsionada pela evolução dos modelos.

A discussão se concentrava em parâmetros, capacidade de processamento e precisão das respostas. À medida que a IA entra definitivamente na rotina das empresas, porém, uma nova prioridade começa a surgir no sentido de garantir respostas rápidas, previsíveis e economicamente viáveis.

Essa mudança acompanha a evolução do próprio mercado. Segundo o *Gartner*, os investimentos globais em inteligência artificial devem atingir **US\$ 2,52 trilhões em 2026**, impulsionados principalmente pela expansão da infraestrutura necessária para colocar aplicações de IA em produção.

Esse movimento também altera a forma como as empresas investem. O *Gartner* projeta que **55% dos investimentos em infraestrutura otimizada para IA em 2026 serão destinados à inferência**, superando pela primeira vez os gastos com treinamento de modelos. Em outras palavras, o maior desafio deixa de ser construir modelos mais inteligentes para executá-los de forma eficiente.

É nesse contexto que a latência assume um papel estratégico. Aplicações como copilots internos, assistentes corporativos e agentes operacionais precisam responder em tempo real para gerar valor ao usuário. Uma resposta precisa, mas entregue com atraso, compromete a experiência, reduz a produtividade e dificulta a adoção da solução.

Por isso, decisões de arquitetura ganham um peso cada vez maior. Inferência distribuída, modelos menores combinados com mecanismos inteligentes de roteamento, cache de contexto e otimização dos pipelines de dados deixam de ser boas práticas e passam a atuar como componentes essenciais para equilibrar desempenho, escalabilidade e custo.

O cache de contexto ilustra bem essa transformação. Em vez de reprocessar continuamente informações já conhecidas, a aplicação reutiliza estados computacionais previamente gerados, reduzindo a latência e o consumo de recursos. Essa abordagem vem ganhando

importância justamente porque melhora simultaneamente a experiência do usuário e a eficiência operacional.

Outro aspecto frequentemente negligenciado está na camada de dados. Em muitos projetos, o maior tempo de espera não está na geração da resposta pelo modelo, mas na recuperação, movimentação e preparação das informações necessárias para produzir um resultado relevante. Isso faz com que a arquitetura de dados tenha impacto direto na latência percebida pelo usuário.

Essa evolução também muda a forma de medir o desempenho das aplicações. Além da qualidade das respostas, indicadores como Time to First Token (TTFT) e End-to-End Latency passam a ser métricas essenciais para avaliar a experiência do usuário. Em aplicações corporativas, reduzir algumas centenas de milissegundos pode representar ganhos relevantes de produtividade quando milhares de solicitações são processadas diariamente.

O foco crescente na inferência também explica a expansão da infraestrutura global para IA. Segundo a *McKinsey & Company*, as cargas de trabalho de inferência deverão representar mais de 40% da demanda dos data centers até 2030, crescendo em ritmo acelerado à medida que a IA passa a fazer parte das operações das empresas.

Esse conjunto de fatores reforça o quanto é necessário aplicar uma mudança primordial: a inteligência do modelo continua sendo fundamental, mas não é apenas isso que a torna suficiente. O sucesso das aplicações corporativas dependerá cada vez mais da integração entre infraestrutura, arquitetura de dados, otimização da inferência e eficiência operacional.

A pergunta mais relevante para líderes de tecnologia e arquitetos de IA deve ser outra: quantos projetos deixam de gerar valor não pela qualidade do modelo escolhido, mas porque a latência e o custo por requisição tornam sua operação inviável em escala?

Amadurecemos em IA, então a vantagem competitiva tende a migrar dos modelos para a arquitetura que os sustenta. E é justamente nessa transição que a latência se transforma de um detalhe técnico para fator estratégico de negócio.

(*) Sr. Manager de Engenharia de Soluções na Cloudera.

Estudantes estão perdendo a capacidade de raciocinar à medida em que usam cada vez mais IA

Estudantes em todo o mundo estão usando modelos de IA para escrever trabalhos e fazer exercícios. Há muitos casos de fraude, mas muitas vezes as escolas permitem que os alunos façam algum uso dessas ferramentas.

Vivaldo José Breternitz (*)

No entanto, especialistas estão alertando que o uso de IA no processo de escrita não ameaça apenas as habilidades dos alunos nesse campo, mas toda a sua capacidade de pensar.

“Escrever é uma tecnologia para pensar”, disse o psicólogo cognitivo Ronald T. Kellogg ao *New York Times* em um artigo escrito por Dana Goldstein sobre as consequências de evitar o trabalho árduo de escrever. A escrita, observa o artigo, ajuda a desenvolver vários tipos de faculdades cognitivas, incluindo a construção da nossa memória de trabalho, habilidades de planejamento executivo e metacognição, a capacidade monitorarmos e autorregularmos nossos processos cognitivos.

Kellogg afirma que redigir um texto pode ser tão mentalmente desgastante quanto cavar uma vala é fisicamente exaustivo. É preciso forçar o cérebro para encontrar as palavras certas e organizar ideias de modo que façam sentido para os que forem ler o texto.

Em outras palavras, para escrever é preciso esforço, e quando se introduz uma ferramenta que suprime o esforço, deixa-se de exercitar o cérebro.

Um estudo do MIT, realizado no início deste ano por uma equipe liderada pela pesquisadora Nataliya Kosmyna, descobriu que pessoas que usaram IA enquanto escreviam um ensaio apresentaram menor atividade cerebral em comparação com aquelas que não usaram. Além disso, os que escreveram com IA tiveram dificuldade em lembrar trechos dos ensaios que acabaram de produzir. Além disso, sua atividade cerebral permaneceu em nível reduzido mesmo quando foram posteriormente convidados a escrever novamente sem ajuda da IA.

Como observa o artigo do *NYT*, poucas pessoas caviariam uma vala de bom grado, e o mesmo vale para escrever. Mas não há parte do processo de escrita que possa ser terceirizada para uma IA sem algum custo, alertou Steve Graham, psicólogo educacional da Universidade Estadual do Arizona.

Muitas escolas, de todos os níveis, estão tentando conter o uso dessa tecnologia pelos alunos, voltando a exigir que trabalhos sejam escritos à mão, frequentemente nas salas de aula, e fazendo avaliações orais.

A Ivy League é um grupo de oito universidades dos Estados Unidos conhecidas por sua excelência acadêmica, prestígio his-



Firm_CANVA

tórico e seletividade. Uma delas, Princeton, aboliu seu Código de Honra que permitia aos alunos fazer provas sem supervisão, por ter detectado casos de uso indevido de IA.

Felizmente, diz Goldstein, alguns estudantes já estão percebendo que usar IA indiscriminadamente prejudica-os, como disse um deles ao *NYT*. IA é uma ferramenta extremamente poderosa, mas o conhecimento acerca de seus perigos deve ser sempre divulgado.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vnjitz@gmail.com.

Inscrições para última turma do ano do curso gratuito de Desenvolvedor de Games vão até 9 de setembro

Trabalhar em um mercado que combina criatividade, tecnologia e inovação ganha um incentivo da Prefeitura de São Paulo, que abriu inscrições para mais 160 vagas gratuitas no curso de Desenvolvedor de Games. Esta é a última turma da formação de 2026 que já abriu 680 vagas ao longo do ano.

Os interessados têm até o dia 9 de setembro para se inscrever pelo site. O curso é voltado a pessoas sem conhecimentos prévios sobre games, mas com interesse em ingressar nesta indústria que, segundo a Associação Brasileira das Desenvolvedoras de Jogos Digitais (Abragames), cresceu 695% em uma década, alcançando 1.042 estúdios de desenvolvedores de jogos em 2024, ante 150 em 2014. O curso tem atraído um público diversificado: entre os alunos matriculados, 19% são mulheres e 44% têm mais de 31 anos e apenas 16% têm entre 16 e 18 anos.

A formação de 180 horas aborda as diferentes etapas da criação de jogos digitais, do desenvolvimento de conceitos, narrativas e mecânicas à produção e apresentação de um jogo como projeto final. Também aborda questões comerciais como distribuição, animação, roteiro, áudio e empreendedorismo. Com duração de 12 meses, o curso é realizado presencialmente, uma vez por semana, na região central da capital paulista, e conta

Sergio Barzaghi/SECOM



também com módulos online, com turmas em todos os turnos, inclusive aos sábados.

Além da grade curricular, o curso promove uma imersão prática e conectada ao mercado. Somente em 2026, foram realizadas 47 atividades complementares, sendo 20 mentorias coletivas exclusivas para alunos matriculados, 12 meetups e 15 workshops sobre temas como dublagem para jogos, criação de músicas para jogos e como se preparar para trabalhar com games.

Como se inscrever

O processo de seleção priorizará moradores da cidade de São Paulo a partir de 16 anos e com Ensino Médio completo ou em andamento. Metade das vagas será reservada a estudantes e egressos de escolas públicas ou bolsistas integrais da rede particular de ensino. O processo seletivo prevê prova teórica online em 12 de setembro, com as aulas iniciando em 20 de outubro de 2026 (adesampa.com.br/hubsampagames).

News@TI

Copiloto de RH que automatiza processos e antecipa riscos para RH estratégico

A HRtech brasileira Joinin, acaba de anunciar o lançamento da Rub.IA, sua inteligência artificial desenvolvida para transformar o grande volume de informações geradas pelo RH de grandes empresas em processos estratégicos. A solução realiza análises preditivas e recomendações que apoiam a tomada de decisão na gestão de pessoas, além de atuar como copiloto do colaborador que deseja tirar dúvidas e consultar informações relacionadas ao RH. A Rub.IA funciona como uma “parceira” inteligente capaz de interpretar dados de diferentes áreas da gestão de pessoas e transformá-los em informações acionáveis. A proposta é atuar nas duas pontas e apoiando 4 stakeholders: alta liderança, gestores, time de RH e também o colaborador que deseja consultar informações ou tirar dúvidas. A Rub.IA torna o acesso às informações mais simples, e por meio de uma interface intuitiva, líderes, profissionais de RH e colaboradores podem realizar perguntas em linguagem natural e obter respostas rápidas, relatórios, análises e recomendações geradas pela inteligência artificial. O colaborador pode, por exemplo, tirar dúvidas e consultar seus direitos, conforme a política da empresa, sem necessidade de ir ao RH (www.joinin.com.br).

Editorias

Economia: Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br)
Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/ Espaço empresarial: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br);
Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br)
Comercial: comercial@netjen.com.br
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; *Editoração Eletrônica:* Ricardo Souza.
Revisão: Maria Cecília Camargo; *Serviço informativo:* Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: netjen@netjen.com.br
Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.

Empresas paulistanas contabilizam gastos para proteção do crime

Consumidores preferem compras online e evitam exposição física

As operações inseguras, ou se relacionarem com consumidores com medo, e ainda expostas a casos de violência, metade (52%) das empresas do comércio na cidade de São Paulo gasta parte das receitas para se proteger da insegurança. O dado faz parte de uma sondagem sobre segurança pública da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo, que ouviu 500 empresas do setor na capital paulista.

O estudo mostra ainda que cerca de um quarto (25,6%) investe em câmeras e sistemas de monitoramento, enquanto outras 6,4% optaram por serviços de vigilância ou rondas, enquanto 15,6% combinam estratégias diferentes. “Em outras palavras, mais da



metade das empresas do setor paga por uma função que deveria ser do Estado”, destaca a FecomercioSP.

Quando perguntado sobre a mudança mais relevante nessa rotina dos negócios, 24,8% do empresariado aponta aumento de gastos com a segurança, enquanto 12,6% notam uma redução no fluxo de consumidores.

A sondagem também revela um contraste intrigante: 62% dos negócios afirmam não terem sido afetados por problemas de segurança no último ano. Na realidade, 12% foram impactados diretamente e 15% no entorno, com 11% afetados de forma indireta.

A avaliação da federação é que, embora essa exposi-

ção direta ao crime seja minoritária, a resposta defensiva é majoritária. Assim, “a insegurança pública se tornou um custo estrutural, porque foi incorporada aos custos para além da experiência concreta de casos de violência”, assinala a entidade.

Um dado que corrobora esse diagnóstico é que mais da metade das empresas não avalia o ambiente ao redor de suas operações como efetivamente seguro. E qual é o maior temor? – perguntou o levantamento. Resposta: Hoje é, sobretudo, de sofrer um assalto (63% dos casos), seguido do temor que um cliente ou os funcionários sejam roubados (56%). Crimes digitais figuram como a terceira maior preocupação (55%), à frente do vandalismo e do roubo de cargas.

De 1658 ao século XXI: quando a vocação marítima se transforma em estratégia de desenvolvimento

Marcelo Luis Campos (*)

O mundo é marítimo. O mar escreveu a nossa história. Cabe a esta geração dar continuidade ao legado

A história de São Francisco do Sul, iniciada com o povoamento português em 1658, confunde-se com a própria história da navegação e do comércio marítimo no Sul do Brasil. A Baía da Babitonga nunca foi apenas um privilégio geográfico. Desde os primeiros tempos, moldou a economia, a cultura e a identidade de uma cidade que aprendeu a olhar para o mar não apenas como um caminho, mas como uma oportunidade permanente de desenvolvimento.

Ao longo de quase quatro séculos, essa vocação consolidou São Francisco do Sul como uma referência em atividade portuária e logística. Muito antes da logística se tornar uma disciplina estratégica, o município já desempenhava, na prática, o papel de conectar pessoas, mercadorias e mercados. Essa característica permanece viva e continua sendo um dos seus maiores diferenciais.

Hoje, essa vocação encontra sua expressão mais evidente no Complexo da Babitonga. A complementariedade entre os portos de São Francisco do Sul e Itapoá fortalece a competitividade de Santa Catarina e amplia a relevância estratégica da região para o comércio exterior brasileiro. Mais do que movimentar cargas, esse sistema conecta cadeias produtivas, impulsiona investimentos, gera oportunidades e contribui para o desenvolvimento econômico regional.

Não por acaso, a maior parte do comércio internacional percorre os oceanos. As nações que compreendem essa realidade e investem continuamente em seus sistemas portuários e corredores logísticos ampliam sua competitividade, atraem investimentos e criam condições mais favorá-

veis para o desenvolvimento sustentável.

São Francisco do Sul reúne condições naturais singulares e uma trajetória histórica que explicam por que novas etapas do desenvolvimento portuário e logístico continuam encontrando na cidade um ambiente naturalmente favorável. Essa evolução não representa uma ruptura com a identidade do município, mas a continuidade de uma vocação consolidada ao longo de quase quatro séculos. O verdadeiro desafio é assegurar que esse processo continue ocorrendo com planejamento, integração da infraestrutura de transportes, segurança jurídica, responsabilidade ambiental e visão de longo prazo.

A expansão sustentável da atividade portuária não deve ser compreendida apenas como uma oportunidade econômica, mas como uma consequência natural da história, da geografia e da capacidade de São Francisco do Sul de evoluir sem perder sua identidade. Preservar a Baía da Babitonga e sua extraordinária biodiversidade não significa impedir o desenvolvimento, mas qualificá-lo. Crescimento econômico e sustentabilidade deixam de ser conceitos opostos quando orientados pelo conhecimento, pela inovação e pelo compromisso com as futuras gerações.

Nossa geração tem o privilégio e a responsabilidade de dar continuidade a uma trajetória iniciada há quase quatro séculos. É importante preservar esse legado, fortalecer a competitividade regional e assegurar que São Francisco do Sul continue sendo reconhecida como uma cidade cuja vocação marítima permanece transformando geografia em prosperidade, oportunidades e desenvolvimento para Santa Catarina e para o Brasil.

O mar escreveu nossa história. Que nossas escolhas estejam à altura desse legado.

(*) - É presidente da Associação Empresarial de São Francisco do Sul.

Tecnologia do ozônio transforma ambientes

A busca por ambientes mais confortáveis, sustentáveis e com maior percepção de qualidade tem impulsionado a adoção de novas tecnologias em diferentes setores da economia. Entre elas, o ozônio vem ampliando sua presença como alternativa para neutralização de odores e tratamento de ambientes em veículos, hotéis, clínicas, hospitais, empresas e centros esportivos.

O avanço dessa tecnologia acompanha uma mudança no comportamento de consumidores e empresas, que passaram a valorizar espaços capazes de transmitir conforto, bem-estar e cuidado. À frente da Wier Ozônio, empresa especializada em soluções baseadas em ozônio, o doutor em Química e CEO Bruno Mena explica que esse movimento reflete uma nova compreensão sobre o papel dos ambientes na experiência das pessoas.

“Durante muito tempo, a preocupação das empresas esteve concentrada apenas na estrutura física dos espaços. Hoje, existe uma percepção maior de que o ambiente influencia diretamente a experiência das pessoas, seja em um quarto de hotel, dentro de um veículo, em uma



clínica ou em um espaço corporativo”, afirma.

A qualidade do ar em ambientes fechados tornou-se um tema cada vez mais relevante para empresas que buscam proporcionar melhores experiências a clientes, colaboradores e usuários. Segundo Bruno Mena, investir em soluções voltadas à qualidade ambiental tornou-se uma estratégia para diferentes segmentos. “A qualidade do ambiente deixou de ser apenas uma questão operacional e passou a integrar a proposta de valor das empresas”, completa o doutor em química.



Simplex Nacional

Micro e pequenas empresas precisam ficar atentas a uma importante mudança no calendário do Simplex Nacional. A partir deste ano, empresas que não estiverem enquadradas no regime em 1º de janeiro de 2027, mas que desejem fazer parte dele no próximo ano, deverão solicitar a opção entre 1º e 30 de setembro. Até então, esse procedimento era realizado em janeiro. Para o presidente do Sindicato das Empresas de Serviços Contábeis e das Empresas de Assessoramento, Perícias, Informação e Pesquisa no Estado de Goiás (Sescon-Goiás), Edson Cândido Pinto, a antecipação exige atenção redobrada por parte dos empresários. “O mês de setembro passa a ter uma importância muito maior no planejamento tributário das micro e pequenas empresas”, frisa.

Bets x Sucessão

O avanço das apostas esportivas online no Brasil deixou de ser apenas uma preocupação financeira para se tornar um desafio jurídico na preservação do patrimônio familiar. Para o advogado Jossan Batistute, especialista em questões sucessórias e patrimoniais, esse cenário exige que famílias passem a tratar o planejamento sucessório como instrumento de proteção diante desse contexto. “A popularização das plataformas de apostas online inaugurou um novo risco para o planejamento sucessório no Brasil. Hoje as bets passaram a ocupar espaço relevante na destruição

acelerada da riqueza construída ao longo de décadas, especialmente nos casos de ludopatia [transtorno mental caracterizado pelo impulso incontrolável de jogar e apostar em jogos de azar].”

Exportadoras/PMEs

O Brasil encerrou 2025 com 29.818 empresas exportadoras, o maior número da série histórica, iniciada em 2008. Segundo o Ministério da Indústria e Comércio, o resultado representa crescimento de 3,4% em relação a 2024. Um dos principais destaques está no avanço dos pequenos negócios. Do total de exportadoras, 11.822 são microempreendedores individuais, microempresas ou empresas de pequeno porte. Os números, divulgados em março, voltaram a ganhar espaço neste mês de agosto, quando o Sebrae destacou uma jornada de capacitação voltada a micro e pequenas empresas. “Existe um número muito maior de empresários dispostos a olhar para fora do Brasil”, destaca Renato Alves de Oliveira, diretor da Bicalho Consultoria e CEO da Be International.

Maçanetas/Recall

Nada menos que 11 montadoras anunciaram recall de automóveis, na China (Xiaomi, Leapmotor e Tesla, entre estas). Questão é a maçaneta de portas de emergência, até aqui difíceis de serem localizadas e muitas vezes operacionalizadas. Estimativas dão conta que quatro milhões de veículos passarão por este recall.

Excesso de energia provoca corte

O Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) acionou pela segunda vez em 2026 o plano emergencial para reduzir a geração de energia diante do excesso de oferta no Sistema Interligado Nacional (SIN). A medida ocorreu das 11h às 13h30 do domingo, 23, e não afetou diretamente os consumidores.

A decisão busca preservar a segurança do sistema em um período de menor demanda. Para isso, o ONS determinou a restrição temporária da geração de usinas Tipo 3, conectadas às redes de distribuição. Nesse grupo estão pequenas centrais hidrelétricas (PCHs), usinas a biomassa e empreendimentos eólicos e solares de menor porte (com site trendsce).

www.netjen.com.br



Impacto Social

Neste mês, lideranças empresariais se reuniram no escritório da PwC Brasil, em São Paulo, para discutir o papel do setor privado na transformação social e como as leis de incentivo fiscal podem ampliar esse impacto. O encontro foi uma edição especial do Fórum de Investimento em Impacto, realizado desde 2023 pela Incentiv e pela PwC Brasil, desta vez em parceria com o CEO's Group, ecossistema que reúne mais de 200 CEOs de grandes corporações no país. Juntos, CEO's Group e Incentiv já direcionaram R\$ 30 milhões para mais de 150 projetos sociais por meio de leis de incentivo. Presentes ao evento estiveram representantes da Samsung, Edenred, BR Angels, Coelho da Fonseca, Serasa Experian e Ourofino Agrociência, entre outros.

Só 2% operam IA

A inteligência artificial já transformou processos, ferramentas e rotinas profissionais em diferentes setores, mas essa mudança ainda aparece pouco na forma como os candidatos a trabalho apresentam suas competências ao mercado. Levantamento da Hubble, plataforma de people intelligence para recrutamento e seleção criada pelo Grupo Hub, mostra que apenas 2,34% dos currículos analisados mencionam Inteligência Artificial. O estudo considerou 41.488 currículos com data de nascimento válida, o que permitiu comparar a presença da tecnologia entre as gerações. A maior incidência está entre profissionais da geração

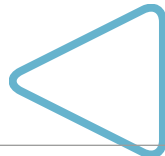
Z; 5,14% dos 7.414 currículos desse grupo mencionam IA. O percentual é quase três vezes o registrado entre os millennials, de 1,88%. Na geração X, a IA aparece em 1,37% dos currículos, enquanto entre os baby boomers o índice é de 0,66%.

Indígenas/Arte

A Aldeia Rio Silveira, no Núcleo Cachoeira, situada na divisa entre Bertioga e São Sebastião, no litoral de São Paulo, teve seu Centro Cultural Guarani reformado e ampliado com recursos do Programa de Ação Cultural (PROAC), do governo paulista. “Primeiro, nós participamos do edital cultural do PROAC para conseguir recursos para a realização da reforma e ampliação do Centro Cultural Guarani”, explica o cacique Adolfo, acrescentando a seguir: “Antes fazíamos os eventos culturais duas vezes por ano, na área aberta, com uma tenda. Com o recurso foi possível reformar o centro de cultura, ampliando o espaço que será utilizado para atividades artísticas e também para venda de artesanato e recepção de visitantes”, detalha.

Saúde/canetas

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) publicou nota de alerta sobre o uso sem indicação e sem acompanhamento médico de medicamentos da classe dos agonistas do receptor GLP 1, popularmente conhecidos como canetas emagrecedoras, por crianças e adolescentes. Segundo o comunicado, o uso inadequado pode aumentar a frequência e a gravidade de eventos adversos (ABR).



23ª Convenção Secovi-SP celebra 80 anos da entidade e reúne especialistas do mercado imobiliário

A 23ª Convenção Secovi-SP, que celebra os 80 anos da entidade, será realizada entre os dias 26 e 28 de agosto, no Milenium Centro de Convenções. O evento é reconhecido como um dos mais tradicionais e inovadores do setor imobiliário nacional e deve reunir empresários, executivos, especialistas, investidores, representantes do poder público e profissionais de diferentes elos da cadeia imobiliária. Nesta edição, o aniversário da entidade inspira a programação, que se propõe a apresentar a complexidade do ecossistema imobiliário e reforçar o compromisso do Secovi-SP com a representatividade, o diálogo e a construção de uma visão de futuro para o setor. Os temas em discussão incluem economia, segurança jurídica, reforma tributária, inteligência artificial, urbanismo, sustentabilidade, crédito, funding e habitação.

A abertura oficial, no dia 26, será conduzida pelo presidente do Secovi-SP, Jorge Cury Neto, com a confirmação da presença do governador do Estado de São Paulo, Tarcísio de Freitas, e do prefeito da capital paulista, Ricardo Nunes. Na sequência, o painel "O Brasil na nova geoeconomia" discute os impactos da reorganização das cadeias produtivas, da soberania tecnológica e dos novos alinhamentos geopolíticos sobre o mercado imobiliário, com

participação do economista e diplomata Marcos Troyjo, mediado por Basílio Jafet, vice-presidente de Relações Institucionais do Secovi-SP. Outro destaque do primeiro dia é o painel sobre segurança jurídica, mediado por Moira Toledo, vice-presidente de Administração Imobiliária e Condomínios do Secovi-SP, que reunirá a ex-ministra do Supremo Tribunal Federal, Ellen Gracie, e o advogado Marcelo Terra, com discussões voltadas à previsibilidade regulatória e à estabilidade jurisprudencial em negócios imobiliários de longo prazo.

No dia 27, o painel de abertura "O Brasil estrutural: economia, política e ambiente de negócios" cruza a análise do jornalista William Waack, âncora da CNN Brasil, com a visão dos presidentes das principais entidades do setor, entre eles Jorge Cury Neto, do Secovi-SP, Eduardo Aroeira Almeida, da CBIC, Caio Portugal, da Aelo, e Yorki Estefan, do SindusCon-SP, com mediação de Ely Wertheim, presidente executivo do Secovi-SP. A programação inclui ainda painéis sobre fundos imobiliários, funding e crédito, multifamily, senior living e desenvolvimento urbano, além da Rodada do Empreendedor, que reúne executivos como Diego Villar, CEO da Moura Dubeux, e Eduardo Fisher, CEO da MRV&CO, com mediação do jornalista Circe Bonatelli, do Estadão.

Proclamas de Casamentos

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL

3º Subdistrito - Penha de França

Albert Broday Rodrigues - Oficial do Registro Civil

Faço saber que os seguintes pretendentes apresentaram os documentos exigidos pelo Art. 1525, do Código Civil Atual Brasileiro e desejam se casar:

O pretendente: **JOÃO VÍCTOR ALMEIDA DA SILVA**, profissão: analista de sistemas, estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 24/06/1999, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Antonio Luiz da Silva e de Maria José Rocha Almeida. A pretendente: **MILENA OYAMADA**, profissão: advogada, estado civil: solteira, naturalidade: Guarulhos, SP, data-nascimento: 19/04/1999, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Marcio Oyamada e de Rosângela dos Santos da Silva.

O pretendente: **GUSTAVO ADRIANO DA SILVA**, profissão: entregador, estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 13/11/2005, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Claudio Adriano da Silva e de Fabiana Batista da Silva. A pretendente: **SABRINA OLIVEIRA RIBEIRO**, profissão: atendente de relacionamento, estado civil: solteira, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 26/09/2005, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Adélio Ribeiro Júnior e de Valeria de Oliveira Ribeiro.

O pretendente: **LUCAS VELOSO ARAUJO**, profissão: analista comercial sênior, estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 02/06/1994, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Antonio Monteiro de Araujo Junior e de Cristiane Veloso Araujo. A pretendente: **ALLINE MIDORI MARON HIGA**, profissão: coordenadora comercial, estado civil: solteira, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 04/03/1983, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Tsunehiro Higa e de Ivete de Oliveira Maron Higa.

O pretendente: **JONATHAN JANKOWSKY DA COSTA**, profissão: analista de T.I., estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 18/03/1994, residente e domiciliado em São Paulo, SP, filho de Andre Evaristo da Costa e de Alessandra Jankowsky da Costa. A pretendente: **STEPHANIE MARQUES NASCIMENTO**, profissão: analista administrativa, estado civil: solteira, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 30/07/1996, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Ednei de Freitas Nascimento e de Rosana Aparecida Iglesias Marques Nascimento.

O pretendente: **JOSEMAR SANTOS MOURA**, profissão: empresário, estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 21/03/1983, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Jorge Rosa Moura e de Alaide de Jesus Santos Moura. A pretendente: **MAYARA BENTO DA SILVA SAMPAIO**, profissão: administradora, estado civil: solteira, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 14/03/1992, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Silvio Sampaio Sales e de Geane Bento da Silva.

O pretendente: **DAWIS MODESTO DE ALMEIDA**, profissão: autônomo, estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 21/01/1985, residente e domiciliado em São Paulo, SP, filho de Dagma Bezerra de Almeida. A pretendente: **KARINA DE ALMEIDA FAVARATO**, profissão: nutricionista, estado civil: solteira, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 17/02/1989, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Amarildo Ferreira Favarato e de Rosângela de Almeida Passos Favarato.

O pretendente: **MATHEUS FRANÇA DA SILVA**, profissão: auxiliar administrativo, estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 04/04/1996, residente e domiciliado no Tucuruvi, São Paulo, SP, filho de Paulo França da Silva e de Idalina Aparecida Ferreira da Silva. A pretendente: **GABRIELA SIMÕES DE SOUZA**, profissão: gerente, estado civil: solteira, naturalidade: Osvaldo Cruz, SP, data-nascimento: 04/01/1999, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Wilson Simões de Souza e de Marli Aparecida Soares de Souza.

O pretendente: **SERGIO FAVARON**, profissão: administrador de empresas, estado civil: divorciado, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 13/12/1960, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Pedro Arlindo Favaron e de Maria de Lourdes Favaron. A pretendente: **GILVANIA JARDIM AGUILAR**, profissão: manicure, estado civil: solteira, naturalidade: Virgem da Lapa, MG, data-nascimento: 12/12/1970, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Alberone Rodrigues Aguilár e de Isaltina Soares Jardim.

O pretendente: **FELIPE ENOCH DA SILVA**, profissão: vendedor, estado civil: solteiro, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 31/01/1992, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de José Roberto Enoch da Silva e de Marcia Alcovi Enoch da Silva. A pretendente: **NATÁLIA MEDEIROS DA SILVA**, profissão: assistente financeira, estado civil: solteira, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 21/10/1989, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Manoel Messias da Silva e de Maria Aparecida da Silva.

O convivente: **DANIEL BORGES DA SILVA**, profissão: bancário, estado civil: divorciado, naturalidade: São Paulo, SP, data-nascimento: 20/02/1984, residente e domiciliado em Penha de França, São Paulo, SP, filho de Décio Borges da Silva e de Sonia Maria Ferreira da Silva Borges. A convivente: **TAMILIS CERQUEIRA DE FREITAS**, profissão: professora de Yoga, estado civil: divorciada, naturalidade: Salvador, BA, data-nascimento: 20/12/1987, residente e domiciliada em Penha de França, São Paulo, SP, filha de Valdemir Soares de Freitas e de Jussineide Mascarenhas Cerqueira. (Conversão de União Estável em Casamento conforme Art. 70-A, § 1º, da Lei 6015/73)

Se alguém souber de algum impedimento, oponha-se na forma da lei. Lavro o presente, para ser afixado no Oficial de Registro Civil e publicado na imprensa local

Jornal Empresas & Negócios

Por que a Connected TV é hoje um dos territórios mais estratégicos para marcas investirem em mídia

Nunca foi tão difícil conquistar a atenção do consumidor. Em um cenário marcado pela fragmentação do consumo de mídia, as pessoas transitam diariamente entre redes sociais, aplicativos, plataformas de streaming e diferentes dispositivos. Para os anunciantes, estar presente em múltiplos canais deixou de ser um diferencial

Bruno Almeida (*)

O desafio agora é outro: entregar a mensagem certa, no ambiente certo e no momento em que o público está realmente engajado com o conteúdo.

Esse desafio ajuda a explicar por que a Connected TV (CTV) vem assumindo um papel mais estratégico nos planejamentos de mídia. Mais do que representar a evolução natural da televisão, ela reúne atributos que hoje se tornaram indispensáveis para as marcas: audiência qualificada, segmentação baseada em dados, mensuração precisa e um ambiente de alta qualidade para exibição de campanhas.

A atenção redefine o planejamento de mídia

A escala que a Connected TV alcançou no Brasil ajuda a dimensionar essa transformação. Estudo divulgado pela Comscore em 2026 mostra que, em 2025, 67% da população digital brasileira era espectadora de CTV, o equivalente a aproximadamente 88 milhões de pessoas. Mais do que demonstrar o alcance desse ambiente, o dado ajuda a revelar como o consumo de conteúdo audiovisual vem se transformando no país.

Não estamos falando apenas de uma mudança tecnológica, mas de uma transformação na maneira como as pessoas consomem conteúdo e, consequentemente, na forma como as marcas disputam



tomorrow's CANVA

sua atenção. Em um ambiente de consumo bastante fragmentado, conquistar alguns segundos de atenção qualificada tornou-se mais valioso do que simplesmente ampliar o volume de impressões.

Esse cenário acompanha uma transformação mais ampla do mercado publicitário. Segundo o Global Entertainment & Media Outlook 2026-2030, da PwC, as receitas globais de publicidade devem alcançar US\$1,4 trilhão até 2030. O relatório aponta a inteligência artificial e a hiperpersonalização em tempo real como importantes motores dessa expansão, ampliando a capacidade das marcas de alcançar consumidores de maneira mais segmentada.

A própria evolução do streaming reforça essa mudança. De acordo com a PwC, as receitas globais de OTT devem crescer a uma taxa média anual de 6,1% até 2030. Dentro desse mercado, a publicidade tende a ganhar ainda mais espaço: as receitas publicitárias em

OTT devem avançar a uma taxa média anual de 9,4% e passar dos atuais 19,4% para 22,6% das receitas do segmento até o fim da década.

Esses movimentos demonstram que a discussão já não está apenas na migração da audiência para o streaming, mas na busca por formatos capazes de combinar alcance, relevância e inteligência de dados.

Quando televisão e mídia digital convergem

Ao combinar a experiência imersiva da televisão com a inteligência da mídia digital, a Connected TV permite que as marcas alcancem públicos específicos sem abrir mão da qualidade do ambiente de consumo. Ao contrário de plataformas marcadas pela rolagem constante de conteúdo, a CTV insere a publicidade em momentos de maior envolvimento do usuário com o que está assistindo.

Outro diferencial está na evolução das tecnologias de dados e inteligência artificial. A combinação dessas

ferramentas torna possível construir campanhas mais eficientes, com segmentações refinadas, otimização em tempo real e métricas que aproximam cada vez mais o investimento em televisão da lógica de performance já consolidada no ambiente digital. O resultado é uma mídia capaz de entregar branding e performance dentro da mesma estratégia.

Mais do que uma tendência de mercado

Naturalmente, isso não significa que a CTV substituirá outros canais. O futuro da publicidade continuará sendo multiplataforma, com diferentes meios desempenhando papéis complementares ao longo da jornada do consumidor. O que muda é o protagonismo da televisão conectada, que deixa de ser apenas uma alternativa para campanhas de branding e passa a ocupar uma posição estratégica nos planejamentos de mídia, combinando construção de marca, segmentação e capacidade de mensuração em um único ambiente.

Mais do que acompanhar a evolução do consumo de mídia, investir em Connected TV significa compreender uma mudança estrutural da publicidade. Na economia da atenção, vencer a disputa pela audiência já não depende de aparecer mais vezes, mas de estar presente no momento em que o consumidor está realmente disposto a prestar atenção.

(*) CEO da US Media.

Proclamas de Casamentos

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL

DE PESSOAS NATURAIS

16º Subdistrito - Mooca

Luiz Orlando de Barros Segala - Oficial

Faço saber que os seguintes pretendentes apresentaram os documentos exigidos pelo Art. 1525, do Código Civil Atual Brasileiro e desejam se casar:

O pretendente: **PEDRO HENRIQUE PEREIRA DA SILVA**, estado civil solteiro, profissão designer, nascido em São Paulo, SP, no dia 14/01/2001, residente e domiciliado neste Subdistrito, São Paulo, SP, filho de Dorgival Pereira da Silva e de Mimorina Pereira da Silva. A pretendente: **LUANA GALLAM ROCHA**, estado civil solteira, profissão designer, nascida em São Paulo, SP, no dia 27/06/2002, residente e domiciliada neste Subdistrito, São Paulo, SP, filha de Edilson Alves Rocha e de Claudia Regina Gallam.

O pretendente: **BRUNO BETTIM**, estado civil solteiro, profissão economista, nascido em São Bernardo do Campo, SP, no dia 12/07/1996, residente e domiciliado neste Subdistrito, São Paulo, SP, filho de Carlos Cesar Bettim e de Elizete Reis Lima Bettim. A pretendente: **LETICIA SANSONE**, estado civil solteira, profissão publicitária, nascida em São Paulo, SP, no dia 21/10/1996, residente e domiciliada neste Subdistrito, São Paulo, SP, filha de Orlando Sansone e de Thais Maria Tavares Sansone.

O pretendente: **PAULO ROBERTO GUERRA GOMES**, estado civil divorciado, profissão autônomo, nascido em São Paulo, SP, no dia 08/03/1981, residente e domiciliado neste Subdistrito, São Paulo, SP, filho de Roberto Carlos Gomes e de Cristina Guerra Leite Gomes. A pretendente: **ANA BÁRBARA DA SILVA URIBE**, estado civil solteira, profissão autônoma, nascida em Andará, PE, no dia 09/12/2002, residente e domiciliada neste Subdistrito, São Paulo, SP, filha de Cristiano Perez Uribe e de Ana Paula da Silva Uribe.

O pretendente: **JEANN FRANZ RODRIGO VEDOVATO PEREIRA DE FARIAS**, estado civil divorciado, profissão contador, nascido em São Paulo, SP, no dia 25/08/1989, residente e domiciliado neste Subdistrito, São Paulo, SP, filho de Hamilton Pereira de Farias e de Cirlene Aparecida Vedovato. O pretendente: **ALISSON CAUÊ GUALBERTO DE RESENDE**, estado civil solteiro, profissão cirurgião dentista, nascido em Mogi das Cruzes, SP, no dia 21/06/1995, residente e domiciliado neste Subdistrito, São Paulo, SP, filho de Mauricio de Resende e de Miriam Gualberto de Resende.

O pretendente: **ERICK DIAS DE OLIVEIRA**, estado civil solteiro, profissão funcionário público, nascido em São Paulo, SP, no dia 05/04/1989, residente e domiciliado no Jardim Ipanema, São Paulo, SP, filho de Jaime Rodrigues de Oliveira e de Ilda Dias de Oliveira. A pretendente: **PRISCILA ROSSI GONZALES**, estado civil viúva, profissão funcionária pública, nascida em São Paulo, SP, no dia 02/01/1992, residente e domiciliada neste Subdistrito, São Paulo, SP, filha de Edson Gonzales Vargas e de Maria Luzia Rossi Gonzales.

O pretendente: **VINÍCIUS OLIVEIRA DO CARMO**, estado civil solteiro, profissão economista, nascido em Jundiaí, SP, no dia 29/04/1993, residente e domiciliado neste Subdistrito, São Paulo, SP, filho de Raymundo do Carmo e de Geralda Alves de Oliveira do Carmo. A pretendente: **LEANDRA LIRA DE ARAÚJO**, estado civil solteira, profissão publicitária, nascida em Lajeado, PE, no dia 23/08/1995, residente e domiciliada neste Subdistrito, São Paulo, SP, filha de Manoel Honório de Araujo e de Cícera Luiza de Lira.

O pretendente: **LEONARDO BELOTO DO CARMO**, estado civil solteiro, profissão engenheiro, nascido em São Paulo, SP, no dia 29/07/1996, residente e domiciliado neste Subdistrito, São Paulo, SP, filho de Alberto Beloto do Carmo e de Ana Beatriz do Carmo. A pretendente: **GABRIELA BARDAUIL BARBOSA**, estado civil solteira, profissão advogada, nascida em São Paulo, SP, no dia 29/06/1996, residente e domiciliada neste Subdistrito, São Paulo, SP, filha de Sandro Nantes Barbosa e de Maria Paula BardaUIL Barbosa.

O pretendente: **CAIRO ATILA ALFAIA LIMA**, estado civil solteiro, profissão advogado, nascido em Belém, PA, no dia 14/11/1979, residente e domiciliado neste Subdistrito, São Paulo, SP, filho de Antonei Pinto Lima e de Denai Trindade Alfaia. O pretendente: **VINÍCIUS MAGOSSI SCANDIUSSI**, estado civil solteiro, profissão administrador, nascido em São José do Rio Preto, SP, no dia 18/11/1992, residente e domiciliado neste Subdistrito, São Paulo, SP, filho de Ilson Sanches Scandiussi e de Maria Divina Magossi Scandiussi.

O pretendente: **RENAN MASSARU MURAKAMI**, estado civil solteiro, profissão engenheiro, nascido em São Paulo, SP, no dia 09/03/1990, residente e domiciliado neste Subdistrito, São Paulo, SP, filho de Minoru Murakami e de Eliza Matsura Murakami. A pretendente: **DANIELA MOREIRA DE SOUZA**, estado civil solteira, profissão engenheira civil, nascida em Pariqueira-Açu, SP, no dia 03/01/1999, residente e domiciliada neste Subdistrito, São Paulo, SP, filha de Valdicio de Souza e de Jane Moreira de Souza.

Se alguém souber de algum impedimento, oponha-se na forma da lei. Lavro o presente, para ser afixado no Oficial de Registro Civil e publicado na imprensa local

Jornal Empresas & Negócios

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL

33º Subdistrito - Alto da Mooca

ILZETE VERDERAMO MARQUES - Oficial

Faço saber que os seguintes pretendentes apresentaram os documentos exigidos pelo Art. 1525, do Código Civil Atual Brasileiro e desejam se casar:

O pretendente: **BRUNO CARNEIRO MOREIRA**, estado civil solteiro, filho de Bento Moreira e de Adriana Teixeira Carneiro Moreira, residente e domiciliado em São Paulo - SP. A pretendente: **BEATRIZ PIMPÃO DOS ANJOS**, estado civil solteira, filha de Ederson Francisco dos Anjos e de Rita De Cassia Pimpão, residente e domiciliada em São Paulo - SP.

Se alguém souber de algum impedimento, oponha-se na forma da lei. Lavro o presente, para ser afixado no Oficial de Registro Civil e publicado na imprensa local

Jornal Empresas & Negócios

IA versus o olhar humano na modernização e suporte da infraestrutura de TI

Há muita discussão se a IA gera resultados positivos para os negócios e se ajuda ou substitui as pessoas

Adriano Silva (*)

Apesar de muitos projetos permanecerem na fase de testes e pilotos, 41%, segundo a pesquisa Turning AI Ambition into Enterprise-scale Impact, feita com mais de 450 líderes empresariais globais pela Everest Group, a inteligência artificial gera valor e é usada como uma camada de apoio para a tomada de decisão em serviços de manutenção e atualização de sistemas de TI.

No application managed services (AMS), que agrega os serviços de gestão, manutenção e suporte de aplicações ou sistemas de TI, e no application management & modernization (AMM), que compreende os processos para atualizar as aplicações, a IA ajuda o especialista e possibilita automatizar tarefas repetitivas, como análise e refatoração de código, detectar bugs, monitorar sistemas, detectar anomalias de desempenho e falhas antes que elas se agravem. A IA não apenas mostra a “saúde” da TI, mas prevê riscos para os negócios ou degradação do serviço.

No AMS a IA é usada para qualificação de incidentes, triagem automática de chamados, análise de causa-raiz, identificação de reincidência e recomendação de resolução de problemas. A tecnologia ajuda analistas a acelerar o diagnóstico, eliminar a reincidência, melhorar a padronização na resolução de problemas, o que reduz o tempo de inatividade e melhora a qualidade do serviço.

No contexto do AMM a IA aumenta a segurança e acelera a modernização de aplicações, principalmente, quando é necessário trabalhar com sistemas legados, que usam linguagens de programação desenvolvidas há décadas, como COBOL, e por consequência sem nenhum membro do time que criou e implementou a aplicação em atividade na empresa.

Em processos de modernização de aplicações



Imagilov, CANVA

legadas a IA gera documentação técnica e funcional completa, incluindo regras de negócio e casos de uso, sem a necessidade de um analista escrever uma linha de código. A IA consegue entender linguagens legadas e analisar o que deve ser refatorado e modernizado, descartado, além de propor soluções alternativas pelo profissional impacta na qualidade do código desenvolvido pela IA.

Com o apoio da IA projetos que levavam mais de 12 meses para serem executados podem ser feitos em semanas e análises que precisavam ser feitas por amostragem, para não impactar o tempo de implantação e o custo do projeto, podem ser feitas em sua totalidade em questão de horas.

A necessidade do olhar humano

Apesar dos avanços proporcionados, os analistas continuam sendo essenciais para a tomada de decisões, no planejamento estratégico e na garantia que as soluções propostas estejam alinhadas aos objetivos de negócios. Os analistas deixam de atuar como executores de tarefas operacionais e passam a trabalhar como supervisores de processos feitos por IA, que facilita e aprimora a capacidade do profissional, mas não substitui sua expertise.

Agentes de IA, como o Claude Code, da Anthropic, combinados a técnicas de engenharia de software ajudam o analista a planejar um projeto ou modernizar uma operação legada, por meio de processos guiados e produzem toda a documentação antes que a primeira linha de código seja produzida.

Os agentes são capazes de elaborar perguntas que são adaptadas conforme a resposta do analista humano. Quando uma resposta não condiz com o que foi informado anteriormente, a IA faz a comparação das respostas e questiona o analista para que ele repense o projeto. O contexto passado pelo profissional impacta na qualidade do código desenvolvido pela IA.

Dessa forma a tecnologia torna as pessoas ‘mais humanas’, liberando os analistas para atividades que dependem do “olhar humano” como ir ao cliente, conversar com os usuários, entender os processos de negócio e observar como esses processos acontecem. Esse contexto amplo, garante que as ações estejam alinhadas com as necessidades da demanda. Já se ocorrerem lacunas nas explicações, a IA pode desenvolver códigos que representem riscos nas aplicações corporativas.

A importância da governança

A implementação de IA requer revisão e adaptação de processos existentes, não apenas aplicação direta da tecnologia aos processos atuais. Ao mesmo tempo em que a equipe recebe uma ajuda ela precisa ser requalificada. No caso do AMS, por exemplo, os profissionais que antes lidavam com redefinições de senha rotineiras passam a se concentrar na análise da causa raiz, na melhoria de processos e no tratamento de exceções complexas.

Essa transição exige investimentos em treinamento e o mais difícil, uma mudan-

ça cultural, já que o papel do engenheiro de suporte muda de executor para um curador, que precisa supervisionar as recomendações e focar nas tarefas de alto valor. Enquanto isso a tecnologia auxilia na criação de scripts, na triagem de incidentes e na codificação de pequenas melhorias.

Ao confiar a manutenção repetitiva da infraestrutura à automação, equipes podem atender a um número maior de endpoints. Essa dinâmica permite que os provedores de serviços mantenham o controle sobre incidentes críticos, enquanto a IA absorve a carga operacional do monitoramento de forma constante, reduzindo o custo do atendimento.

Mas é preciso estar atento pois a automação excessiva pode se tornar uma armadilha dispendiosa, com alucinações, encaminhamento incorreto de chamados e o relacionamento pessoal continua sendo importante, pois o cliente não pode ter a percepção de ter sido relegado a uma máquina.

Lembre-se que a IA deve complementar, não substituir os humanos, que continuam essenciais para casos complexos, interrupções críticas de infraestrutura e construção de relacionamento. Isso significa que o “olhar humano” é um investimento estratégico e a implementação da IA uma evolução de longo prazo.

A estratégia recomendada é sempre começar com casos de uso menores e com menos risco, como classificação de chamados, sumarização de incidentes, consulta de base de conhecimento, para estabelecer confiança gradual com clientes e os usuários. O sucesso dos serviços ainda depende de um planejamento cuidadoso e implementação especializada. Não se trata apenas de apertar um botão. Se não for devidamente avaliada, a IA pode criar problemas e não soluções.

(*) Head de Data Science & Digital Transformation da T-Systems do Brasil.

Os desafios da infraestrutura energética em ambientes críticos

Jamil Mouallem (*)

A energia elétrica evoluiu de um insumo básico para um ativo estratégico crítico. Em setores complexos, como hospitais e aeroportos, a estabilidade, a disponibilidade e a qualidade do fornecimento são fundamentais para garantir a continuidade das operações. Mitigar falhas elétricas tornou-se, essencial para reduzir riscos e proteger aspectos financeiros, jurídicos e, principalmente, humanos dessas estruturas.

Nos hospitais, essa discussão ganha uma dimensão ainda mais sensível. A energia está diretamente ligada ao funcionamento de equipamentos de suporte à vida, centros cirúrgicos, unidades de terapia intensiva, sistemas de monitoramento e armazenamento de medicamentos. Uma simples interrupção ou falha no fornecimento pode comprometer procedimentos em andamento e, em determinadas situações, colocar vidas em risco. Por isso, a infraestrutura elétrica hospitalar precisa estar preparada não apenas para quedas de energia, mas também para oscilações e instabilidades que podem comprometer equipamentos de alta precisão.

Esse desafio também aparece nos aeroportos, onde a operação depende de uma grande quantidade de sistemas conectados. Controle de tráfego aéreo, comunicação, iluminação de pistas, esteiras de bagagem, sistemas de segurança e processamento de passageiros precisam funcionar de maneira integrada. Uma falha elétrica nesses ambientes não representa apenas um inconveniente operacional, mas pode gerar impactos em cadeia, afetando companhias aéreas, equipes de operação e milhares de passageiros.

O ponto é que, quando falamos de energia em serviços essenciais ou ambientes críticos, o problema não está apenas na ausência dela. A qualidade da energia fornecida também se tornou um fator determinante para a continuidade dos serviços. Oscilações de tensão, surtos elétricos e variações na rede podem causar desde reinicializações de sistemas até danos permanentes em componentes eletrônicos sensíveis. Em estruturas cada vez mais automatizadas, poucos segundos de instabilidade podem representar uma interrupção significativa, gerando danos irreparáveis, e podem atingir resultados financeiros, relações com clientes e a própria reputação da organização.

Esse cenário se torna ainda mais desafiador diante das mudanças climáticas. Eventos extremos, como tempestades, ondas de calor e períodos prolongados de seca, pressionam a infraestrutura elétrica e aumentam os riscos de interrupções no fornecimento de energia. No

Brasil, onde grande parte da geração energética depende de fontes renováveis, especialmente hidrelétricas, alterações nos padrões climáticos também trazem impactos para o planejamento e operação do sistema elétrico.

Ao mesmo tempo, a digitalização ampliou a dependência energética de praticamente todos os setores essenciais. Hospitais passaram a integrar mais sistemas digitais, aeroportos operam com processos automatizados e empresas de telecomunicações mantêm serviços que dependem de disponibilidade contínua. Esse movimento acontece em um ambiente de crescimento constante da demanda por eletricidade. Segundo a Agência Internacional de Energia (IEA), o consumo global de eletricidade deve crescer impulsionado principalmente pela expansão da indústria, eletrificação de diferentes setores, climatização e infraestrutura digital. A expectativa é que a demanda mundial supere 29 mil TWh em 2026, estabelecendo um novo recorde histórico.

Resiliência Energética

Diante desse contexto, a resiliência energética passou a envolver diferentes camadas de proteção. A modernização das redes, o uso de fontes complementares de energia, sistemas de armazenamento e tecnologias capazes de estabilizar o fornecimento fazem parte de uma estratégia mais ampla para reduzir riscos. Em ambientes críticos, a prioridade não é apenas recuperar a operação depois de uma falha, mas criar condições para que ela não seja interrompida.

Essa mudança de perspectiva também transforma a forma como empresas e instituições avaliam seus investimentos em energia e infraestrutura. Equipamentos de proteção elétrica deixam de ser vistos como uma barreira contra problemas pontuais e passam a integrar um planejamento maior de continuidade operacional. Afinal, em um ambiente onde cada vez mais processos dependem de sistemas eletrônicos, proteger a energia significa proteger a própria continuidade dos negócios.

A tendência é que essa preocupação aumente nos próximos anos. À medida em que hospitais, portos, aeroportos e outros serviços essenciais se tornam mais tecnológicos e conectados, a energia passa a ocupar um papel estratégico dentro dessas estruturas. Garantir estabilidade, disponibilidade e segurança elétrica não é apenas uma questão de eficiência, mas uma forma de assegurar que serviços fundamentais continuem funcionando mesmo diante de um cenário de maior incerteza.

(*) Sócio-diretor da TS Shara indústria nacional fabricante de nobreaks, inversores e estabilizadores de tensão e protetores de rede inteligente.

O JORNAL CERTIFICA AS PUBLICAÇÕES LEGAIS COM PONTUALIDADE E TRANSPARÊNCIA, CUMPRINDO AS NORMAS JURÍDICAS. AFINAL, O JORNAL É LEGAL.



BANCO BMG S.A.
Companhia Aberta - CNPJ nº 61.186.680/0001-74 - NIRE nº 3.530.046.248-3

Ata da Reunião Extraordinária do Conselho de Administração Realizada em 05 de Junho de 2026.
Data, Hora, Local: 05.06.2026, às 10hs, na sede do Banco Bmg S.A., por meio de videoconferência. **Presença:** Totalidade dos membros do Conselho de Administração, a saber: Ricardo Annes Guimarães, Antônio Mourão Guimarães Neto, Ângela Annes Guimarães, José Eduardo Gouveia Dominicale, Olga Stankevicius Colpo, Dorival Dourado Junior, Flávio Dias Fonseca da Silva, Marco Antonio Antunes e Gueitiro Matsuo Genso. **Mesa:** Presidente: Olga Stankevicius Colpo, Secretária: Deise Peixoto Domingues. **Ordem do Dia:** Deliberar sobre rerratificação da ata da Reunião Extraordinária do Conselho de Administração realizada em 26.05.2026 (**"Ata Original"**), que aprovou a transferência, pela Companhia à classe A do **Fundo de Investimento em Direitos Creditórios Consig Premium I – Responsabilidade Limitada** (nova denominação do **Fundo de Investimento em Direitos Creditórios INSS Consignado – Responsabilidade Limitada**), CNPJ nº 66.226.355/0001-01 (**"Classe"** e **"Fundo"**, respectivamente), de direitos creditórios oriundos das operações realizadas com os Cartões, especificamente para alterar a qualificação atribuída à Integral Investimentos Ltda., de "agente de conciliação" para "agente de instrução operacional", mantendo-se ratificadas as demais deliberações da Ata Original. **Deliberações Aprovadas:** 1. A rerratificação da Ata Original para alterar a qualificação atribuída à Integral Investimentos Ltda., em razão da redução do escopo dos serviços por ela prestados na operação, de modo que, onde se lê "agente de conciliação", passe a constar "agente de instrução operacional", aplicando-se a alteração a todas as referências constantes da Ata Original, inclusive na descrição dos prestadores de serviços a serem contratados pela Companhia. 2. Permanecem ratificadas todas as demais deliberações aprovadas na Ata Original que não tenham sido expressamente modificadas por este ato. **Encerramento:** Nada mais. Conselheiros: Ricardo Annes Guimarães, Antônio Mourão Guimarães Neto, Ângela Annes Guimarães, Dorival Dourado Junior, Olga Stankevicius Colpo, Flávio Dias Fonseca da Silva, José Eduardo Gouveia Dominicale, Marco Antonio Antunes e Gueitiro Matsuo Genso. Olga Stankevicius Colpo - Presidente, Deise Peixoto Domingues - Secretária. JUCESP nº 336.751/26-6 em 20.08.2026. Marina Centurion Dardani - Secretária Geral.



A inteligência artificial também é um problema de infraestrutura

(*) César Ribeiro

Corrida pela inteligência artificial colocou chips, GPUs, data centers e energia no centro dos investimentos em tecnologia. Faz sentido. Sem capacidade computacional, a IA não escala. Mas existe uma pergunta menos glamourosa e tão importante quanto: as redes estão preparadas para o volume de dados que essa nova economia vai produzir?

Os primeiros sinais indicam que essa discussão não pode ser adiada. Pesquisa da Cisco em parceria com a Foundry, divulgada em junho de 2026, ouviu mais de 3,4 mil executivos de TI e redes em 15 países. Entre eles, 73% afirmaram que suas organizações já enfrentam ou esperam enfrentar limitações de capacidade nas redes de campus e filiais nos próximos dois anos. O tráfego aumentou 34% no último ano e a expectativa dos entrevistados é de crescimento de 209% nos próximos três.

A IA acrescenta uma pressão importante a essa equação. Dados observados em redes de provedores e divulgados pela Cisco mostram que o tráfego de inferência de inteligência artificial quadruplicou em oito meses. A companhia projeta que esse tipo de tráfego poderá representar 25% do tráfego total das redes em 2035. Com a disseminação de agentes de IA, a estimativa é que o tráfego corporativo possa chegar a nove vezes o volume atual no mesmo horizonte.

É muita informação circulando por uma infraestrutura que, para a maioria das pessoas, permanece invisível.

E talvez esteja aí um ponto ainda pouco discutido sobre a expansão da inteligência artificial. Estamos investindo pesadamente para aumentar a capacidade de processamento, mas processamento e conectividade não podem ser planejados separadamente.

Quando a rede deixa de ser assunto apenas da TI

A mudança fica mais evidente quando a IA sai do laboratório e entra na operação. Um agente não apenas responde a uma pergunta. Ele pode consultar diferentes bases de dados, acessar sistemas, executar tarefas, trocar informações com outras aplicações e tomar determinadas ações. Tudo isso exige comunicação entre diferentes ambientes.

Nesse contexto, capacidade de rede, redundância, diversidade de rotas, latência, observabilidade e segurança deixam de ser detalhes técnicos. Uma falha pode significar indisponibilidade de uma operação inteira.

E indisponibilidade custa caro.

Estudo da Splunk em parceria com a Oxford Economics, divulgado em maio deste ano, estima em US\$ 600 bilhões por ano o impacto do downtime não planejado entre empresas do Global 2000. A pesquisa, realizada com 2 mil executivos em 20 países, chegou a um custo médio de aproximadamente US\$ 15 mil por minuto de interrupção entre as organizações analisadas.

Outro levantamento traz um alerta ainda mais próximo da realidade de quem trabalha com infraestrutura. O Annual Outage Analysis 2026, do Uptime Institute, identificou que incidentes relacionados a fibra e conectividade estão aumentando e têm maior probabilidade de provocar interrupções prolongadas.

O mesmo estudo mostra que, entre os entrevistados que tiveram uma interrupção significativa recente, 57% estimaram prejuízos superiores a US\$ 100 mil. Um em cada cinco relatou perdas acima de US\$ 1 milhão.

Quem trabalha com infraestrutura sabe que falhas acontecerão. Não existe operação complexa completamente imune a elas. A diferença está na capacidade de impedir que uma falha localizada derrube uma operação inteira.

É por isso que redundância não pode ser tratada simplesmente como duplicação de custo. Ter alternativas de rota, capacidade disponível e visibilidade sobre a rede é parte da estratégia de continuidade do negócio.

Basta pensar no que hoje depende de conectividade: pagamentos, sistemas industriais, plataformas de comércio eletrônico, logística, serviços financeiros, aplicações em nuvem. A inteligência artificial entra nessa lista e tende a aumentar ainda mais essa dependência.

O Brasil precisa olhar para o ecossistema inteiro

O debate é especialmente relevante para o Brasil diante do volume de investimentos projetados para data centers.

Segundo dados apresentados pelo ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, em junho de 2026, o país tinha 38 GW em pedidos de parecer de acesso ao sistema elétrico relacionados a projetos de data centers. Uma parcela equivalente a 7,1 GW poderia representar cerca de R\$ 159 bilhões em investimentos nos próximos anos, de acordo com o ministério.

É uma oportunidade enorme. Mas há um risco em concentrarmos a discussão apenas na quantidade de data centers que o Brasil conseguirá atrair.

Um data center não é uma ilha.

Quanto maior a capacidade de processamento instalada, maior tende a ser a necessidade de movimentar informações entre centros de dados, nuvens, empresas, dispositivos e usuários. Energia, processamento e conectividade fazem parte da mesma infraestrutura digital. Segurança e redundância também.

Estamos colocando bilhões em capacidade computacional e há boas razões para isso. A próxima etapa é garantir que essa capacidade consiga operar com disponibilidade compatível com a importância que a tecnologia assumirá nos negócios.

Para quem está na operação, essa discussão é bastante concreta. Não importa o quanto uma aplicação seja sofisticada se o dado não chega, se uma rota fica indisponível ou se não existe alternativa quando alguma coisa falha.

Talvez por isso a próxima grande discussão sobre IA seja menos sobre aquilo que aparece na tela e mais sobre tudo o que precisa funcionar para que aquela resposta apareça.

A inteligência artificial opera na velocidade do software, mas depende do mundo físico. Existem fibras, equipamentos, rotas, energia e centros de processamento por trás de uma experiência que o usuário percebe como instantânea.

A corrida pela IA, portanto, não será apenas por melhores modelos ou maior capacidade computacional. Será também por redes capazes de suportar essa transformação com disponibilidade e resiliência.

Porque, quando infraestrutura funciona bem, quase ninguém percebe que ela existe. Quando deixa de funcionar, todo mundo percebe.

(*) César Ribeiro é diretor de Operações da SAMM.

Qualidade dos dados se torna principal desafio para escalar IA nas empresas, aponta debate em São Paulo

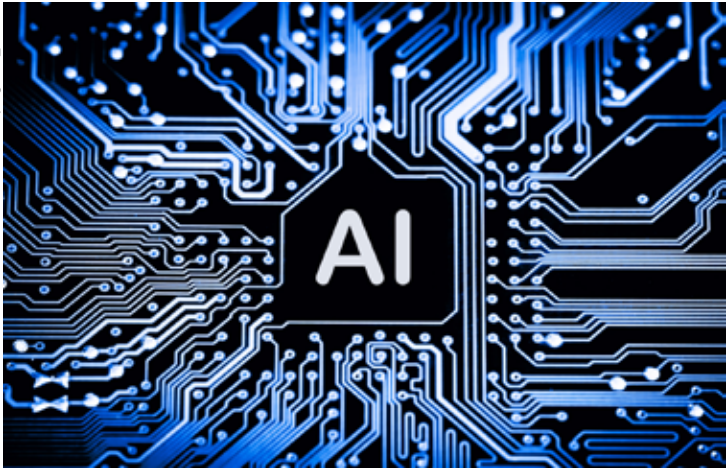
Especialistas defendem que governança, processos e regulação são pré-requisitos para ampliar o uso de IA com segurança e resultados consistentes

A medida que a inteligência artificial avança nas empresas, cresce também a preocupação com a qualidade das informações que alimentam esses sistemas. A avaliação foi consenso entre especialistas reunidos durante a quarta edição do evento Amigos do Cadastro, realizado em São Paulo, que destacou a governança de dados como um dos principais fatores para ampliar o uso de IA de forma segura, eficiente e aderente às exigências regulatórias.

O tema foi debatido em mesa redonda mediada por Alexandre Figueiredo, Head Comercial da 4MDG, com participação de Vanessa Cavalcanti, coordenadora de PJ/PF no Banco BMG, e Maurício Muniz, presidente do conselho da Brasport. Os participantes discutiram como a preparação das bases de dados, a estruturação de processos e a adoção de mecanismos de governança influenciam diretamente os resultados obtidos com inteligência artificial.

Na abertura do painel, Figueiredo destacou que a gestão de dados entrou em uma nova fase com a popularização da IA. Segundo ele, os dados deixaram de servir apenas como suporte à tomada de decisão humana e passaram a alimentar sistemas capazes de produzir análises, gerar hipóteses e executar tarefas de forma autônoma.

“A inteligência artificial pode não estar errada. O



que pode estar errado são os dados colocados nela. Se a empresa não colocar dados corretos, a saída também tende a ser incorreta”, afirmou.

Para Vanessa Cavalcanti, embora a IA amplie a capacidade de análise e acelere o processamento de informações, os ganhos dependem de processos bem definidos e de objetivos claros para o uso dos dados.

“Para além da IA, é preciso primeiro entender se os processos estão realmente estruturados. A tecnologia ajuda a trazer velocidade, mas a empresa precisa saber por que precisa daqueles dados e quais respostas espera obter com eles”, disse.

Outro ponto destacado foi a necessidade de incorporar práticas de governança desde o início das iniciativas de IA. Segundo Maurício Muniz, a velocidade de adoção dessas tecnologias exige um modelo capaz de equilibrar inovação e controle. “Dá para fazer uma governança ágil. Dá para equilibrar o controle

necessário para a inovação obrigatória”, afirmou.

Durante a discussão, os especialistas observaram que a inteligência artificial também está transformando a forma como os profissionais acessam e utilizam informações. Em vez de depender do conhecimento sobre onde os dados estão armazenados, os usuários passam a se concentrar cada vez mais na formulação de perguntas adequadas e na interpretação dos resultados gerados pelos sistemas.

Para Muniz, esse cenário exige novas competências profissionais, como capacidade de experimentação contínua, adaptação rápida e aprendizado baseado em ciclos curtos de validação. “Com a informação que se tem agora, é possível experimentar, ver o resultado e melhorar o próximo ciclo. A outra habilidade é a antifragilidade, para lidar com erros, frustrações e necessidade de buscar conhecimento”, afirmou.

A governança apareceu como tema transversal em

tudo o debate. Os participantes defenderam que o acesso cada vez mais simplificado aos dados aumenta a necessidade de mecanismos claros de segurança, controle de permissões, gestão de riscos e supervisão das decisões apoiadas por inteligência artificial.

“A governança é fundamental. Tudo nasce no processo. Para garantir segurança e controle, é preciso ter processos regulatórios, processos de risco e mapeamentos. Muitas vezes as empresas agem na correção quando o problema já aconteceu”, ressaltou Vanessa Cavalcanti.

No setor financeiro, a executiva também destacou a expectativa de avanço da regulação relacionada à inteligência artificial, reforçando a importância da conformidade com normas de proteção de dados e da transparência em processos automatizados.

Ao final do encontro, os participantes convergiram para a avaliação de que a expansão da IA nas organizações depende menos da tecnologia em si e mais da maturidade dos processos e da confiabilidade das informações disponíveis. Governança, qualidade de dados, capacitação das equipes e conhecimento das regras de negócio foram apontados como elementos essenciais para que empresas avancem na adoção de modelos de IA, automações e agentes inteligentes.

A cultura do “bug”: o que a engenharia de software ensina ao RH sobre Inteligência Artificial

Maria Fernanda Merenda (*)

Esqueça o debate exaustivo sobre máquinas substituindo humanos. À medida que a tecnologia amadurece, o verdadeiro desafio que se impõe às organizações é a profunda reprogramação de suas culturas corporativas. Nesse contexto, a área de Recursos Humanos assume um papel protagonista na condução do modelo AI First, deixando de ser apenas um departamento de apoio para atuar como o verdadeiro “sistema operacional” dessa transição.

Implantar uma cultura orientada por IA exige superar a fase da simples automação de tarefas operacionais. O verdadeiro desafio das lideranças de Gente & Gestão está em apoiar os times na quebra de paradigmas e na educação contínua, permitindo que a tecnologia assuma atividades repetitivas para liberar a capacidade cognitiva dos profissionais para o que realmente importa: pensamento crítico, tomada de decisão estratégica e inovação. Pesquisas recentes de consultorias como o Gartner apontam justamente que o ganho real da IA não está apenas em fazer mais rápido, mas em elevar a qualidade do trabalho intelectual.

Para que a adoção da Inteligência Artificial ocorra de forma fluida e orgânica, a cultura organizacional precisa criar um ambiente de experimentação segura. Aqui, a gestão de pessoas tem muito a aprender com a tecnologia. Na engenharia de software, o erro nunca foi tratado como uma falha punível, mas como parte natural da jornada - o famoso bug.

Ao transpor essa mesma lógica para a adoção de IA corporativa, o aprendizado

deixa de ser doloroso. Incentivar equipes a testar, sugerir e recriar soluções dentro de ferramentas homologadas e sob princípios claros de governança e segurança corporativa permite que o uso da tecnologia traga ganhos reais para a operação sem expor a empresa a riscos de conformidade.

Em equipes com perfil predominantemente sênior, conseguimos ter resultados mais profundos e consistentes ao uso de Inteligência Artificial devido ao repertório técnico e o pensamento crítico acumulado ao longo da carreira. Esses profissionais compreendem rapidamente que a IA não compete com sua especialização; pelo contrário, atua como um acelerador de produtividade, posicionando o colaborador não mais como um mero executor manual, mas como um analista e revisor crítico das entregas.

Uma cultura AI First só se consolida quando a própria área de RH utiliza a tecnologia para transformar suas rotinas operacionais. No recrutamento e seleção, a automação com inteligência aplicada acelera a filtragem de perfis e otimiza processos burocráticos, como a padronização de currículos para apresentação a clientes. Na prática, essa otimização representa uma redução drástica no tempo gasto com triagem operacional, devolvendo ao recrutador o tempo necessário para focar no relacionamento e na avaliação comportamental.

Mais do que velocidade, a IA permite construir uma comunicação mais personalizada com candidatos no LinkedIn, cruzando características individuais do

profissional com os requisitos da vaga para realizar abordagens que mantêm o tom humano e acolhedor.

Na frente estratégica de atração e retenção, a fronteira atual está no avanço da análise preditiva de dados. Ao estruturar indicadores de engajamento, satisfação e motivos de movimentação, o RH ganha capacidade de antecipar gargalos e tomar decisões preventivas de retenção.

Oferecer um ecossistema estruturado de IA, com governança e oportunidades de desenvolvimento contínuo, tornou-se um forte diferencial competitivo na gestão de pessoas. Profissionais qualificados buscam empresas que ofereçam clareza de desenvolvimento, mobilidade interna e ferramentas de ponta que potencializem seu desempenho.

Percebemos, inclusive, um movimento fluido no mercado: profissionais com passagens por grandes players e multinacionais de tecnologia que enxergam estruturas ágeis e fortemente focadas em governança de IA um ambiente ideal para evoluírem em suas carreiras.

A Inteligência Artificial continuará transformando radicalmente o ambiente corporativo. Contudo, o sucesso dessa jornada não será medido pelo volume de licenças de software contratadas, mas sim pela habilidade das organizações de colocar a tecnologia a serviço das pessoas — criando uma cultura onde o erro faz parte da evolução e o talento humano é constantemente expandido.

(*) Head de Gente & Gestão da Objective.

Antes das ferramentas, vem o diagnóstico: por que a maioria das empresas inverte esta ordem?

Boa parte das empresas brasileiras trata cibersegurança como uma lista de compras: firewall, antivírus, backup, autenticação multifator

Daniel Tieppo (*)

O problema é que nenhuma dessas ferramentas responde a uma pergunta anterior e mais importante, que é onde exatamente estão as vulnerabilidades daquela organização específica. Sem essa resposta, o investimento em proteção vira um exercício de tentativa e erro, caro e frequentemente ineficaz.

Os números confirmam esse descompasso. Segundo o Cybersecurity Readiness Index 2025, da Cisco, apenas 5% das empresas brasileiras atingiram o patamar considerado maduro em cibersegurança, o mesmo percentual registrado na edição anterior do estudo. Não houve avanço. As organizações seguem comprando tecnologia sem antes mapear onde ela precisa ser aplicada com mais urgência.

O dado incomoda menos pelo valor em si e mais pelo que ele revela. O mercado aumentou gastos em segurança nos últimos anos, mas essa curva de investimento não se traduziu em curva equivalente de maturidade, o que só acontece quando o dinheiro entra no lugar errado do processo: na compra de tecnologia antes do mapeamento de risco que deveria orientar essa compra.

O exemplo mais claro dessa desconexão está nas empresas de capital aberto, que, em tese, reúnem as melhores condições para fazer esse dever de casa. Um levantamento da Abrasca com o Security Design Lab atribuiu nota média de 4,9, numa escala de 0 a 10, à maturidade em cibersegurança das companhias listadas na B3.

Se organizações com orçamento robusto e obrigações regulatórias rigorosas ainda tiram nota mediana, o problema não é falta de recurso. É a ausência de um processo estruturado que diga a essas empresas, com precisão, onde elas estão vulneráveis antes de decidirem onde investir.

Diagnóstico é dado, não intuição

Esse processo estruturado não se resume a uma prática isolada. Ele combina diferentes frentes de diagnóstico, cada uma respondendo a uma parte do problema: o risk assessment, que mapeia e prioriza riscos a partir do contexto real do negócio; o ASM (Attack Surface Management), que monitora de forma contínua tudo o que está exposto na internet e pode virar porta de entrada; e o teste de invasão, ou pentest, que simula um ataque real para revelar falhas antes que um criminoso as explore.

Um levantamento recente da Pesquisa de Maturidade da Indústria em Cibersegurança mostrou que apenas 11,6% das empresas realizam pentest com regularidade, enquanto 63,3% simplesmente não o fazem — um



retrato que tende a se repetir quando se olha para as demais práticas de diagnóstico.

O motivo não costuma ser resistência a essas práticas, e sim a crença de que a tecnologia já instalada dá conta do trabalho sozinha. Essa crença é o verdadeiro ponto cego do setor.

Um firewall bem configurado impede acessos não autorizados que ele reconhece como ameaça, mas não avalia se uma senha fraca de um fornecedor terceirizado abre uma porta lateral para o sistema, ou se um processo de concessão de acesso ficou desatualizado depois da saída de um funcionário.

Esse tipo de falha só aparece quando alguém testa ativamente a estrutura, não quando alguém presume que ela está protegida porque o produto certo foi comprado. O diagnóstico é o que diferencia gasto de investimento: sem ele, a empresa paga por segurança sem necessariamente comprar redução de risco.

O tempo perdido tem preço

Se o diagnóstico já é raro na etapa de prevenção, sua falta fica ainda mais evidente quando um ataque de fato acontece. O Cost of a Data Breach Report 2025, da IBM, mostra que o ciclo médio entre identificação e contenção de uma violação de dados foi de 241 dias em 2025, o menor patamar em nove anos e, ainda assim, quase oito meses de exposição.

Esse número existe porque a maioria das empresas não tem um retrato atualizado do que é "normal" dentro da própria rede. Sem esse parâmetro, não há como distinguir uma atividade legítima de uma anomalia, e o ataque segue circulando disfarçado de rotina. O impacto financeiro dessa demora confirma a lógica: segundo o mesmo relatório, empresas que sofrem um incidente em até 200 dias registram custo médio de US\$ 3,87 milhões, contra US\$ 5,01 milhões nas que ultrapassam esse prazo.

O tripé que sustenta a decisão

No fundo, todas essas práticas de diagnóstico convergem para o mesmo objetivo, que pode ser resumido em três pilares. O primeiro é a visibilidade:

de saber, a qualquer momento, o que está acontecendo dentro do ambiente digital da empresa. O segundo é a observabilidade: entender por que e como aquilo está acontecendo, o que permite distinguir uma anomalia real de um ruído qualquer. O terceiro é a governança: transformar esse entendimento em processo, com responsáveis, critérios e continuidade — o que garante que a segurança se mantenha ao longo do tempo, e não apenas no dia em que a ferramenta foi instalada.

É esse tripé que deveria orientar qualquer decisão de investimento. Sem visibilidade, a empresa não sabe o que precisa proteger. Sem observabilidade, não consegue interpretar o que vê. E, sem governança, mesmo enxergando e entendendo os riscos, não sustenta a resposta a eles no tempo. Com essa base estabelecida, a escolha de quais serviços e ferramentas adotar deixa de ser tentativa e erro e passa a ser consequência direta do diagnóstico.

A diferença não nasce de uma tecnologia mais cara, nasce da capacidade de enxergar o problema mais cedo. E enxergar cedo é, por definição, uma função de diagnóstico contínuo — sustentado por visibilidade, observabilidade e governança —, não de uma ferramenta isolada.

O diagnóstico deveria ser processo e não um evento isolado. Uma avaliação de risco feita há dois anos descreve uma empresa que já não existe mais, com fornecedores diferentes, funcionários diferentes e superfície de ataque diferente. O mercado brasileiro amadureceu na hora de comprar tecnologia de segurança, mas segue tratando o mapeamento de risco como etapa dispensável, quando, na verdade, é ela que determina se o resto do investimento vai proteger o que precisa ser protegido.

Toda estratégia de cibersegurança que funciona começa pela mesma pergunta, que é conhecer com precisão os próprios riscos antes de tentar resolvê-los.

(*) Especialista em tecnologia e telecomunicações, com mais de 20 anos de experiência no setor. Formado em Ciência da Computação e Gestão Comercial, construiu sua carreira em empresas como Olitel Telecom, Vocalcom e Alcatel-Lucent Enterprise.



Quando o próprio piloto pede a torre de controle

Dario Amodei, CEO da Anthropic, fez algo raro para um executivo do Vale do Silício: pediu, de novo, para ser regulado

Em publicação nas redes, defendeu a criação de um órgão nos moldes da FINRA — a autorregulação supervisionada do mercado financeiro americano — para fiscalizar os grandes modelos de inteligência artificial. Não foi um lapso. Em junho, no ensaio “Policy on the AI Exponential”, ele já havia proposto que modelos de fronteira passem por testes obrigatórios e independentes, como aviões antes de decolar, e que o governo dos EUA tenha poder de barrar o lançamento dos que apresentarem riscos inaceitáveis.

A mesma Anthropic, aliás, já aposentou o Claude 2 e, em junho deste ano, tirou do ar mais dois modelos da família Claude 4. Hoje, quem decide quando um sistema de IA nasce, muda ou morre é a empresa que o criou — segundo critérios que ela mesma define. É exatamente esse o incômodo: a companhia age como reguladora de fato da própria tecnologia e, ao mesmo tempo, admite que esse arranjo não se sustenta.

Ceticismo é saudável. Regulação também interessa às big techs: dá previsibilidade, legitima o negócio às vésperas de um IPO bilionário e ergue barreiras de entrada que pequenos concorrentes não conseguem pagar. A tensão pode ser resumida: empresas devem participar da regulação, porque conhecem a tecnologia como ninguém — mas não devem dominá-la, sob risco de captura regulatória. Entre a expertise privada e a legitimidade pública, alguém precisa segurar a caneta.

E o Brasil? Em dezembro, o governo enviou ao Congresso o projeto que

institui o SIA — Sistema Nacional de Desenvolvimento, Regulação e Governança de IA: um Conselho Brasileiro de IA no topo, a ANPD como autoridade residual para normatizar, fiscalizar e sancionar, e os reguladores setoriais, como Banco Central e Anatel, cuidando de seus domínios. No papel, a torre de controle brasileira. Na prática, mais uma peça à espera do tabuleiro: o PL 2338, aprovado no Senado em 2024, segue parado na comissão especial da Câmara, com votação empurrada para depois das eleições.

O resultado é o pior dos mundos: incerteza jurídica. Sem marco legal, quem responde pelo dano causado por um algoritmo? O Judiciário decide caso a caso, sem parâmetros uniformes. A ANPD já anunciou fiscalizações de IA para 2026 e 2027 mesmo sem a lei geral. O TSE regulou deepfakes eleitorais por resolução. Cada lacuna vem sendo preenchida por improviso — e improviso, para quem investe, contrata e desenvolve, tem nome: risco. Regular sob incerteza radical já é difícil; deixar de regular é apenas transferir a conta para os tribunais.

Por isso, a lição não é esperar. Quando até quem constrói a tecnologia pede fiscalização, empresas que a utilizam não podem tratar governança de IA como agenda futura. Inventariar sistemas, avaliar impacto algorítmico, revisar contratos, garantir supervisão humana: nada disso depende de lei publicada — e tudo isso será cobrado, pelo regulador de amanhã ou pelo juiz de hoje. Advogados que dominarem esse vocabulário sairão na frente; os demais lerão o marco legal quando ele já estiver em vigor. Se o próprio piloto está pedindo torre de controle, seguir voando sem plano de voo não é ousadia. É negligência.

(*) - Sócia do Araujo Advs - advogada especializada em Governança de Inteligência Artificial

Brazil Hub leva empresas brasileiras ao ITC Vegas 2026

O mercado brasileiro de seguros terá um espaço próprio no ITC Vegas 2026 (InsureTech Connect). O Brazil Hub, organizado pelo Insurtech Brasil, será um ponto de encontro para empresas e executivos do país durante o maior evento mundial dedicado à inovação em seguros, realizado entre os dias 29 de setembro e 1º de outubro, no Mandalay Bay Convention Center, em Las Vegas (EUA).

A iniciativa foi criada para fortalecer a presença brasileira no evento e proporcionar às empresas um ambiente de visibilidade, relacionamento e geração de negócios dentro do ecossistema internacional de seguros. Além de conectar os próprios participantes brasileiros, o Brazil Hub permitirá apresentar empresas, soluções e iniciativas desenvolvidas no país a executivos, parceiros e potenciais

clientes de diferentes mercados. O espaço contará com quiosques exclusivos para empresas brasileiras, que poderão utilizar a estrutura como base para exposição da marca, apresentação de soluções, reuniões e desenvolvimento de novos contatos durante o ITC Vegas. Cada espaço inclui ainda duas inscrições para o evento, permitindo aos representantes das empresas acesso à programação e

às oportunidades de networking proporcionadas pelo encontro. Para José Prado, CEO do Insurtech Brasil, a proposta é ampliar a visibilidade e as possibilidades de conexão das empresas brasileiras em um dos ambientes mais relevantes da indústria mundial de seguros. “O ITC Vegas reúne algumas das principais lideranças e empresas do mercado global. O Brazil Hub nasce para dar mais visibilidade ao

Brasil dentro desse ambiente e, ao mesmo tempo, criar um ponto de conexão para os nossos executivos. Queremos que as empresas tenham uma referência no evento, possam apresentar o que estão desenvolvendo no país e aproveitem melhor as oportunidades de relacionamento e negócios que uma concentração tão grande de tomadores de decisão proporciona”, afirma (<https://itc.insurtechbrasil.com/>).



Fotos: JEN

CANNABIS MEDICINAL

TRATAMENTOS PODEM ATINGIR 2% DA POPULAÇÃO

O deputado estadual Eduardo Suplicy (quarto da direita para a esquerda) declarou estar se tratando com cannabis

Óleo da planta ajuda com doença de Parkinson, Alzheimer, autismo e ansiedade.

Redação

Que tal um mercado superior a 900 mil pessoas, com alta fidelidade, gerando R\$ 1 bilhão/ano? E se este setor da economia estiver ligado à saúde, projetando atingir 2% da população nos próximos três ou quatro anos? Mais ainda: se a apresentação do tal mercado for baseada em um fitoterápico? Pra quem ainda não arriscou um palpite, estamos tratando da cannabis medicinal. Ou melhor, nos referimos a um fitoterápico (de classificação especial pela Anvisa) que trata (no sentido literal) das doenças de parkinson, alzheimer, espectro do autismo, epilepsia, fibromialgia e um dos males deste século: a ansiedade. A planta cannabis, outrora conhecida pelo uso exclusivo de recreação, mudou de patamar há muito tempo e sua utilização como fitoterápico na medicina integrativa é amplamente reconhecida, inclusive pela Anvisa. “A cannabis para uso medicinal é um caminho sem volta”, diz a especialista Amanda Sá em podcast gravado há dois anos. Atualmente o trabalho de várias associações tem ajudado, quando não suprido o papel do Estado. Mas ainda há senões e preconceito, que se pretende derrubar, de uma vez, inclusive na Câmara dos Deputados, elevando o tema para a regulação definitiva (marco legal), ao sair de vez da semi-regulação em que vivemos.

Na natureza não existe a cannabis medicinal, existe a cannabis para uso medicinal. E isto precisa ser difundido mais e mais, apregou o “1º Seminário Boas Práticas no Associativismo Canábico Federativo”, realizado no último dia 22 em São Paulo. Promovido pela Federação das Associações de Cannabis Terapêutica (FACT), o encontro reuniu alguns representantes de suas 80 associadas, e convidados, em que se discutiram os avanços e pesquisas da cannabis para uso medicinal, legislação, mobilização social, cases, orientação e preconceito. Em síntese, é um novo olhar sobre a planta da maconha. “Enquanto for acessada por poucos, a maconha não atingirá todo seu potencial medicinal”, declarou Luciana Boiteux, professora de Direito Penal da UFRJ.

A exemplo de Luciana, o diretor da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Thiago Campos, graduado em direito e especializado em gestão de políticas de saúde e direito sanitário, falou no evento pelo telão sobre o apoio às iniciativas da federação. Desta forma, entraram na discussão produtores, advogados, psicólogos, fisioterapeutas, governo e sociedade civil. Ângela Abain (fisioterapeuta, fisiologista e conselheira do CONAD – Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas), coordenadora geral da FACT, comentou os avanços regulatórios e o papel das entidades neste temário.

A federação das associações (<https://factbrasil.org.br/>) trabalha na construção de pontes, por vezes diferentes a depender da região do país. Com o espírito cooperativista – em que todos se dão as mãos –, ajuda a organizar novas associações, disseminar a cultura da cannabis medicinal, identificar o cânhamo industrial. Pela definição do Conselho Federal de



Ângela Abain

“Queremos aprimorar os tratamentos, juntando novos dados aos que já conhecemos

Biologia, o cânhamo industrial é uma variedade da planta *Cannabis sativa* que possui concentrações muito baixas de THC (geralmente abaixo de 0,3%) e não causa efeitos psicoativos. Ele é cultivado para extração de fibras resistentes, grãos e compostos medicinais como o CBD, sendo amplamente utilizado nos setores têxtil, de construção, alimentício e farmacêutico.

Ainda sobre a FACT, Ângela Abain disse que 87% das associadas oferecem preparados ao mercado (geralmente o óleo de cannabis) e 75% fornecem cannabis para pacientes, atuando como rede de cuidados, sem atuação comercial.

Pesquisas e dados da cannabis medicinal também reforçam aplicações para pacientes diagnosticados com dores crônicas, espasticidades (aumento anormal do tônus muscular que causa rigidez e dificuldade

para relaxar os músculos) e até mesmo câncer. “Queremos aprimorar os tratamentos, juntando novos dados aos que já conhecemos”, resume a coordenadora, acrescentando que a criminalização da maconha ainda é um problema. Não raras vezes produtores e pesquisadores são interpellados sobre a cannabis, apesar de trabalharem dentro do aspecto legal.

Histórias que a vida conta

Durante o Seminário Boas Práticas no Associativismo Canábico Federativo, vários cases e depoimentos foram apresentados – ao vivo e pelo telão. Violeta Dib, psicóloga clínica e head da Associação Cultural Canábica de SP (<https://www.acucasp.org.br/>), falou do trabalho de conscientização, inclusive pelo lado cultural. “Precisamos ter um olhar de confiança”, disse ela. Rubens Santini discorreu, com emoção, sobre o trabalho social da Abraticão (@abraticao) e atuação junto a crianças autistas, que receberam a cannabis medicinal e 70 cães doados para reforçar o tratamento. Denis Lopes, professor de educação física e de capoeira abordou o trabalho da organização O Saci (<https://www.osaci.org.br/>), na região de Campinas (SP).

Já o voluntário Enor Machado Moraes recebeu uma grande ovação ao falar de sua organização, a Flor da Vida, nascida da necessidade de um sobrinho (o pequeno Eduardo, que não falava até os 3 anos, diagnosticado com TEA). “A família não quis buscar tratamentos convencionais, com seus efeitos colaterais, e optou por algo mais natural, mais saudável”, disse Enor, que fez extração caseira do óleo da cannabis e garante – emocionando-se na apresentação – que os resultados foram surpreendentes. Logo nascia a Associação Terapêutica de Cannabis Medicinal Flor da Vida, atualmente abrigando um grupo de 100 pessoas para o trabalho em três unidades no Estado de São Paulo e uma em Brasília e já atendeu 800 pessoas totalmente de graça. Acesse seu Relatório Social, pelo site <https://flordavida.org.br/>.

Frente Parlamentar

Aliás, o deputado estadual Eduardo Suplicy, diagnosticado com parkinson há questão de uns três anos, declarou estar se tratando com cannabis (passando pela Flor da Vida) e, aparentemente, está bem, mantendo a doença sob controle. Tão bem e tão convicto que integra a Frente Parlamentar da Cannabis Medicinal e do Cânhamo Industrial na Assembleia Legislativa de São Paulo, promovendo debates, financiamento de projetos e avanços da distribuição de remédios, à base de cannabis, pelo SUS paulista. Ele esteve na FACT, no dia 22, acompanhado de Mônica Dallari.

Já no plano federal, ele estará brevemente junto de seu colega Paulo Teixeira com a direção dos Correios. Ideia é ter um diálogo aberto e esclarecedor sobre o transporte da cannabis (quando importada, por exemplo, ou adquirida de outra localidade distante da residência) via serviço de entrega de embalagens do correio.

Na Câmara tramita o PL 4865/2026 (Política Nacional de Pesquisa Científica sobre a Cannabis) e o PL 2726/2024 (que destina plantas apreendidas pela polícia para pesquisas medicinais), de iniciativa do deputado João Carlos Bacelar, da Bahia. O primeiro projeto visa o estabelecimento de diretrizes para ampliar a inovação e garantir segurança jurídica a instituições e pesquisadores; e o segundo altera a Lei Antidrogas para permitir que a *Cannabis* apreendida por forças policiais seja repassada a laboratórios de pesquisa medicinal em vez de ser incinerada.

Receituário obrigatório

Em 2024, o POD+ Empresas (podcast vinculado ao jornal Empresas&Negócios) entrevistou Amanda Sá, CEO da Medra Brasil, para abordar a cannabis medicinal. Foi o 16º episódio, em que ela trouxe vários esclarecimentos. Entre os quais que o óleo da cannabis não vicia, que a aquisição do produto só pode ser feita (seja em farmácias brasileiras, seja importando) com receituário médico e/ou de um cirurgião-dentista. Ela previu que até 2029 chegaríamos a 4 milhões de usuários da cannabis medicinal, no Brasil, e que a planta, que reúne 140 compostos medicinais, ajudando em 180 patologias, só cresceria em conhecimento do público, a ponto de já ser um caminho sem volta.

QUER SABER MAIS SOBRE O ASSUNTO?

Acesse a entrevista de Amanda Sá pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=ajvCGGUQEal&t=400s> ;

veja também o site da Prefeitura de São Paulo, <https://prefeitura.sp.gov.br/web/saude/w/noticias/341576> ;

o ecossistema www.plantmanager.com.br, que conecta os vários sistemas, incluso aqui o mercado PET; e o anuário Growshops, Headshops e Marcas <https://kayamind.com/anuario-ghm-2025/>



Violeta Dib



Rubens Santini